

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição e Impressão

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

Cooperativa "a Previdente,"

Vimos novamente falar da nossa Cooperativa, para desfazer quaisquer teias de aranha que ainda existam no cérebro dalgumas pessoas; para que estas, pondo de parte as suas indecisões, se resolvam a vir utilizar-se da instituição que já hoje é um benefício geral, incontestável. Em que altura estaríamos nós de preços de generos de mercearia, se não tivesse sido criada a Cooperativa! Todos os dias se subia e se prometia subir o preço dos artigos. O assucar, que hoje se anuncia nas montras por preço baixo, vendia-se por favor e por uma exorbitancia!

Temos presente o Relatório das contas anuais da Cooperativa de Vila Real de Santo Antonio, por ele se podem rasgar as teias daqueles que não querem ver.

Fecha as contas apresentando lucros liquidos de 5.000\$00 escudos

Dá para dividendo do capital dos acionistas 8 por cento e 4 por cento para o Consumo. Com um movimento de Esc. 60.000\$00 tem hoje um capital de 25.000\$00.

Há 9 anos começou com 30 socios e tem hoje 475. Ora a nossa Cooperativa hoje conta já com mais de 700 socios ou sejam 700 familias, o que dá pelo menos 2500 pessoas. Não pode por isso deixar duvidas de que pode viver e desenvolver-se, visto que tem assegurado o seu largo consumo. Dentro de poucos dias deve ser aberto a Buvette para venda de vinhos do Porto e engarrados licores, aguardentes e aguas minerais, cervejas, etc. Teremos á disposição do socio vinhos do Algarve, de Saguinhal, de Almeirim Colares e Bucelas, a litros, de modo que todos os paladares poderão ficar satisfeitos. Iremos deste modo alargando o horizonte da nossa aspiração. Agora preocupamos muito o problema de panificação, que por enquanto nos é enxiquível, pela falta de farinhas.

No dia que poderemos ver distribuir aos socios o pão no seu domicilio, sem receio de que ele seja adulterado teremos imensa satisfação e ficaremos convencidos de que prestamos um serviço aos nossos conterraneos.

E' inútil portanto a propaganda que se pretende fazer contra a Cooperativa, espalhando que ela vai quebrar, vai fechar, não dura 3 meses etc. Tudo isso são lórpices, que já ninguém pode acreditar ou tomar a serio.

Devem convencer-se de que o belo tempo passou. Hoje só negocio serio e licito pode sustentar-se.

RODRIGUES ARAGÃO.

Passou no dia 2 o aniversario natalicio da menina Maria Isabel Nogueira Aguedo, gentil filha do sr. dr. Artur Aguedo e de sua esposa a sr.ª D. Maria de Jesus Nogueira Aguedo.

Regressou a Beja, no dia 28, o nosso presado amigo sr. José João Pedro de Faria Pereira, digno official de Finanças d'aquelle distrito.

Crónica citadina

A RECITA NO CINE

Fevereiro deu-nos as suas despedidas num grande hausto de Arte: a recita no Cine-Teatro-Farense a favor do sanatorio para empregados ferro viarios em S. Braz de Alportel.

Em boa hora as illustres Senhoras comissionadas para tão caridoso fim concatenaram um programa esplendido em que a eloquencia tribunicia de João Lucio, o «virtuosismo» musical de Rebelo Neves e a sciencia scenica de Marcelino Mesquita se aliaram em fulgurante constelação.

Foi por isso grandioso e festivo, deixando grata impressão ao numero o auditorio que enchia a elegante sala de espectaculos.

O dr. João Lucio, com aquella fluencia e aticismo que o distinguem como o primeiro orador-esteta desta provincia, encantou verdadeiramente o auditorio com o seu primoroso discurso em que a elevação dos conceitos e o brilhantissimo das imagens ritmadas em som, cor e forma, numa aliança extranha de rendas, tules finissimos e scintilantes pedrarias maravilhosas de fulguração, deram á sua palavra todas as ardencias do fogo sagrado das grandes inspirações.

Ao illustre Poeta foi prestada a maior ovação que tem vibrado naquelle teatro! O sr. D. Bernardo de Mesquita recitou com o brilho de sempre a sua linda poesia «O rapido das 5». propositadamente escrita para aquella recita.

A parte histriónica da festa, constituida pela interpretação da peça «Peraltas e sécias», original do fecundo escritor dramatico Marcelino de Mesquita, deu-nos um belo conjunto em que se evidenciaram os bons esforços de todas as Senhoras e cavalheiros que se incumbiram do desempenho da graciosa comédia de costumes do seculo XVIII.

Todos, incondicionalmente, mereceram os justos aplausos que lhes foram dirigidos, mas seria injusta flagrante não destacar dentre a graciosa pleiade feminina, que abrilhantou a representação, exibindo mimosos requintes de galantaria, a Excelentissima Senhora D. Maria de Jesus Nogueira Aguedo, que foi de inextinguivel distincção no seu papel de «Marquesa de Sande» e Mademoiselle Maria Cristina Ayala, que no papel de «Lucia» nos deu uma «sécia» adoravel de trivolidade e graça.

José de Matos, correctissimo na parte de «Miguel», disse com expressiva naturalidade todo o seu papel e Leça da Veiga e o dr. Justino de Bivar, respectivamente nos papeis de «Benjamin» e «Intendente Diogo» acentuaram as suas personagens evidenciando apreciaveis aptidões scenicas.

Todos os outros interpretes muito bem, tendo scenas muito felizes, especialmente o grupo das «sécias». «lorquando» com graça, rindo e piçando na adoravel «calinerie» daqueles tempos.

A encenação correcta, ainda nas scenas do 3.º acto, as mais movimentadas da comédia.

Nas «Canções Portuguezas» as «solistas» Mesdemoiselles Raquel Garrido e Branca Ramos muito bem, conquistando muitos aplausos de que justamente participaram os côros e o sr. Rebelo Neves que magistralmente os ensaiou.

Durante o espectáculo, Senhoras da Commissão venderam exemplares do livro «Coração Algarvio» flores e bombons, a favor do Sanatorio.

A recita terminou por grandes aplausos a todos os que concorreram para o seu raro brilhantissimo e a Commissão de Senhoras foi saudada vibrantemente pelo seu belo gesto de altruismo.

E nada mais justo do que esse reconhecimento unisono perante a Ideia que presidira ao festival e á esplendida forma que ella revestiu, deixando-nos a mais grata das impressões...

LYSTER FRANCO.

Festa de caridade

A Commissão promotora da recita a favor de Sanatorio dos Almargens vem por este meio manifestar o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que por qualquer forma, mais ou menos directamente, a coadiuvaram na sua caritativa empreza, quer tomando parte no espectáculo, quer auxiliando-o, quer concorrendo a elle com a importancia de custos dos seus bilhetes.

SERVICÓ DA REPUBLICA

Dias em que, no corrente ano, deve ter logar a revista annual de inspecção ás praças das tropas territoriais (praças que não serviram no exercito nem tiveram instrução militar) pertencentes a este distrito por se acharem domiciliadas nas freguesias do concelho de Faro: Conceição e Estoi, 8 de Abril; Santa Barbara de Nexe, 15 de Abril; S. Pedro e Sé de Faro, 22 e 29 de Abril. A revista terá logar no quartel do distrito de reserva, em Faro.

O chefe do Distrito de Recrutamento n.º 4.

Francisco Gabriel Augusto da Silva Mimoso. Coronel.

REGRAS DE HIGIENE

A influencia salutar do sono, estende-se a todo o organismo, retemperando-o, e vivificando-o, mas, para ser perfeitamente reparador, necessita ser prolongado e profundo.

As creanças necessitam de dormir muito, a noite não lhes basta, e devem dormir durante o dia.

Mesmo, passada a primeira infancia, necessitam de dez horas de sono, para seu completo repouso. Nada lhes é mais prejudicial do que fazer-las deitar tarde, ou a horas irregulares.

Para os adultos, sete horas de sono, constituem uma regular média, porém a necessidade de repouso varia conforme o trabalho, as forças, e as necessidades individuais. Ha muito quem não possa prescindir de nove horas de repouso.

O sono da noite, não pode ser substituido pelo do dia, todas as tentativas, feitas nos países quentes, para que os exercicios militares tivessem logar, depois do sol posto, deixando repousar o soldado durante o dia, foram a ostas de parte, em vista do resultado pouco satisfatorio. A terceira etapa, os soldados estavam exaustos.

Efectivamente o sono, durante o dia, é menos profundo, e menos reparador: por isso a lei interdiz o trabalho noturno, a creança e á mulher.

Deitar cedo, levantar cedo, eis a melhor regra a seguir, trabalho até altas horas, da noite, ou divertir-se até tarde, para na manhã seguinte prolongar o sono, pelo dia adiante, é um contra senso higienico. Pode-se, indifferente, dormir—sobre o lado direito ou sobre o lado esquerdo.

Tudo quanto se tem escrito sobre as vantagens de dormir para um ou outro lado, não passa de hipoteses. Cada qual dorme como melhor lhe agrada, como quer e como pode, contanto que seja em posição horizontal, na cama, numa atmosfera pura e ao abrigo das intempéries:—é tudo quanto exige a higiene. A posição é uma questão de habito, que, de resto, se modifica durante o sono.

Ficar na cama, depois de acordado, é proprio dos preguiçosos, que, mais tarde receberão o castigo, nas doenças que resultam da falta de exercicio.

DR. MANTOU.

POR ESSE MUNDO

O terrorista no Caucaso

Quasi todos os russos presos ultimamente em Paris, segundo se noticia nestas colunas, como implicados num supposto atentado contra as vidas do czar e do Presidente da Republica francesa M. Poincaré, foram já postos em liberdade, por não terem sido encontradas provas decisivas que os compromettessem.

Estas detenções foram effectuadas por

denúncia dos agentes que mantem em Paris a Okhrana, de S. Petersburgo.

A policia parisiense averiguou que não havia complot. Unicamente alguns dos presos são «apaches» e anarquistas ou gatuños vulgares.

Ha, entretanto, entre eles, um que as autoridades conservam encarcerado e que fez confissões verdadeiramente sensacionais. E, um tal Maharachwilli que vivia num quarto mobilado na rua de Verguiraud, conhecido pelo bandido e terrorista do Caucaso.

A policia procedeu a uma busca no seu domicilio e encontrou ali: uma pistola automatica, igual ás que se usam no exercito alemão com uma coronha que serve para convertê-la em carabina curta; dois carregadores repletos de balas; um traje composto duma blusa negra com botões de metal, um capuz negro e um par de botas com sola de borracha, dessas que permitem caminhar sem ruido.

O corsario do «Atlantico»

Desembarcaram 26 marinheiros suecos, noruegueses e americanos, os quais dão detalhes do corsario «Aowee». Dizem que é um cruzador de 12:000 toneladas, perfeitamente disfarçado para se livrar das esquadras aliadas.

O armamento consiste em quatro canhões grandes, dois pequenos e quatro tubos. Tem munições para dois meses. O corsario costuma situar-se detraz dos barcos, lançando sinais de socorro quando rompe fogo.

A justiça não calça luvas

Num dos tribunals de Paris tudo se preparava, no dia 1.º do corrente, para o julgamento de alguns individuos acusados de agressão violenta a agentes de policia.

Era uma audiencia de juri e o processo revestia importancia.

No momento solene de prestar juramento, ergueram-se os jurados nas suas bandadas, tomando aquella severa compostura que é de uso em casos tais.

Jurou disse o primeiro membro do juri. E a terrivel formula fora já repetida por cinco dos seus colegas, quando o presidente do tribunal, M. Weudling, deu sinais evidentes de afflicção. O seu rosto empalidecera.

—Senhor jurado! exclamou ele com voz tremula, dirigindo-se ao ultimo que pronunciara a sacramental frase; o senhor acaba de prestar juramento com a mão enluvada!

O interpelado olhou para as mãos e certificou-se de que o juiz disséra a verdade.

—E' que, balbucionou ele em attitude de desculpa, faz tanto frio que...

A voz aspera do guarda de serviço interrompeu:

—O terceiro jurado estava tambem de luvas calçadas!

Foi um desastre. O tribunal estremeceu de emoção. Trocaram-se olhares de espanto. E havia razão: o facto constituia um motivo de nulidade, pois o juramento deve ser prestado com a mão nua, segundo a jurisprudencia e de harmonia com os auctores mais reverenciados.

Entre os magistrados houve concitabulo trocando-se palavras nervosas, murmurios de desaprovación.

Por fim, o presidente annunciou aos cinco jurados que era necessario recommear. Eram considerados nulos os primeiros juramentos.

Corajosamente, os austeros membros do jury tiraram as luvas. E por cinco vezes, legalmente desta vez, repetiram o juramento.

Os reus podiam agora ser condenados, conforme as leis!

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Sphinx

Recebemos o primeiro numero desta revista mensal illustrada, que tem por directores literarios a sr.ª D. Laura de Almeida Nogueira e o sr. Celestino Soares (da Faculdade de Letras) e por directores artisticos os srs. Leitão de Barros e Cottinelle Telmo. (da Escola de Belas Artes.)

«Sphinx», que é uma revista orientada dentro das novas aspirações esteticas e vem preencher uma importante lacuna porque promete dar-nos em sua colaboração um documento da passagem de todos os novos que sabem pensar.

O primeiro numero é interessantissimo. Desejamos á «Sphinx» longa vida e grande expansão.

O Poeta João Penha

A tia Maria era dama inteira e de uma justiça assombrosa: o que primeiro chegava era o primeiro a ser servido; tanto montava que fosse calouro como veterano, como assíduo frequentador da casa. Apesar de bondosa, não gostava de ouvir palavras soltas e desonestas; ofendida, era uma vibora, quando a tratavam discretamente, tornava-se uma pomba: era de poucas palavras o seu bom e honesto sorriso de sexagenaria tinha porém, uma eloquencia encantadora e uma adoravel expressão de resignada doçura; devia ter sido linda e de uma esplendida correcção de formas, mas lbra sempre de um comportamento exemplarissimo, o que admira, sendo ella contemporanea das mais amadoras e galhardas gerações de academicos, que bandarream em Coimbra.

Não era tão somente a delicadeza e o bom alourado dos fritos que tornou leandria a taberna da tia Camêla; o preço das ceias ali comidas entrava por muita maneira naquella nomeada.

Eça de Queiroz, no ultimo ano da sua formatura, ceiou ali todas as noites com João Penha, e o preço daquela orgia nunca passou de um tostão. João Penha contando isto, acrescentava, como quem diz uma cousa problematica e profunda:

—E o tostão do Eça era sempre em prata! Nunca pude saber de onde vinha aquella moeda misteriosa e fatal!

A lista dos frequentadores dessa taberna illustre é extensa e gloriosa: ali ceiam na quadra de acurridos e risonha da mocidade, Aires de Gouveia, Barjona, Martens Ferrão, Paiva Manso, homens que são hoje leutes, desembargadores, ministros o bispos; naquele recinto da tasca artistica estaiaram as valentes risadas das tres ultimas gerações de poetas, tribunos e filosofos de Coimbra —de Gonçalves Dias, de Soares de Passos, de Tomaz Ribeiro, de Ramiro Coutinho (hoje visconde de Ouguela), de João de Deus, de Luiz Jardim, de Messier, de Miguel de Assumpção, de Teofilo Braga, de Emidio Garcia, de Germano de Meireles, de Guimarães Fonseca, de Rodrigo Veloso e de José Falcão. Como o teatro academico fica proximo toda a celebridade artistica que ia representar a Coimbra, visitava a tia Camêla.

Entraram ali Antonio Pedro, Taborda, Cesar de Lima, Noronha, o Paganini vimaranense, Rosa Senior, e o tragico Rossi, que uma vez, aita noite, na duvidosa penumbra da tasca, recitou o lugubre monologo do Hamlet.

Sublime!

A tia Camêla ouvia suprema e espavorida, todas aquellas palavras soturnas e halucinadas, e não ousando fiar o emulente artista, conservava os olhos baixos, no chão, como uma escrava diante de um Kalifa.

João Penha frequentou, durante quasi tres lustros, sem faltar uma só noite, a taberna da tia Camêla; desta assiduidade inalteravel nasceu uma profunda simpatia da bondosa velha pelo poeta. Nos dias em que não havia peixe, uma tristeza imensa envolvia as almas de todos os habitantes da cidade alta, o luto era geral; e quando João Penha, impassivel, com a regularidade dum chronometro se dirigia para a cidade alta, de varias janelas se debruçavam vultos desesperados e affitos, que exclamavam:

—Não ha peixe. João, a tia Camêla não tem peixe. Lugete, Véneres, Cupidines que!

O poeta, acompanhado por aqueles que não duvidavam da sua estrela, caminhava sempre e ao entrar na tasca a troupe:

—Então, tia Maria, que peixe temos? indagava.

—Peixe? respondia ella, com a sua voz cantada, em que transparecia uma ingenua malignidade, peixe hoje? Não houve na praça, nem para o sr. Bispo Conde, nem para os missionarios das Teresinhas!

Dizendo isto, saia para fóra do balcão, examinava curiosamente a rua e os transeuntes, corria depois intrepidamente os ferrolhos á porta, abrindo misteriosamente uma gaveta, tirava de dentro um prato... com duas magnificas enguias.

E' escusado dizer que as duas enguias eram fraternalmente repartidas e devoradas sufregamente, com um appetite heroico. Depois da comessina—a conversa.

Que longos e patuosos os colloquios entra a tia Maria e João Penha! O assumto das conversas era ordinariamente um só:

FUTURISMO

GENTE NOVA

Carta

Minha dilecta amiga: Lisboa, 10 de Fevereiro de 1917. A tua attitud e incomensuravelmente impertinente perante os Novos.

Avé

(Quando Ela passa) Almas, muitas almas! O Alegria! Tristeza! Choro! Riso! Hipocrisia! Fumo!

Ansia

A Mademoiselle Clotilde de Oliveira Luar de rosas cimbando incerto! A minha alma aos teus se consagra;

HORAS DE FEBRE

Do artista José Pacheco Lisboa, 10 - Agosto 1916.

Venho do bando dos esquecidos na Barca que foi esperada embriagar minha alma que se esgotou até ao roxo do meu Sonho.

O meu Sonho - Ansil! Sofro o tédio de chegar para onde não parti.

Fui hoje despedir-me dum conhecido que foi para Paris, fui despedir-me dele por que foi para Paris.

Todos os relógios me parecem atirados!

A noite adormece sempre comigo uma esperança de Tudo.

Ao despertar: Maldição... Maldição... Os meus brinquedos sempre se mesmos o meu carro ainda sem Guindar.

Sinto-me sempre longe de tudo que me rodeia!

Passo entre vivas de perfume, sinto-me no coração de todos os grandes. A vida a grande Vida!

Paris! Paris-gosa-me, sou então Paris de Paris.

Baldade do chumbo Realidade.

Não é bem saúde que eu sinto - a ansia do dia!

Recordo o meu querido companheiro de projectos, e hoje vê-lo projecto da minha alma!

Serpentinas de ouro em raminhos endoidecidos, vagueando desolados.

Cavalgadas de fogo, chuva de ouro na planície Lutae de ambigões.

Gemidos de naufragos, barcos sem lena, mastros partidos. As ondas... eram uma só. Os cedaveros rasgados em choro, engoruravam o mar.

Na praia choros, ameaças descrenças. Que horror de beleza, que negro e que doirado!

Vinjar... Vinjar... Paris... Londres... Todas as capitais, por todos os ventos, lá todos os jornais, todas as revistas. Conhecer todos os genios.

A scena do Odio de José de Almada Negreiros.

Beleza Verdade Ansia!

Ombros nuz de príncesas, faziam esquina nos meus labios; Baragem estardiada mostrava-se-me a pouco e pouco as suas crinas de lã. Silvana! a mais ardente! Libros rotos, setas morrendo de morte!

Entocou-se por mim, raptando-me os dentes, na sua carne de vidro.

A vertigem! A vertigem! Aurora de fogo branco!

Em tempo despençado ia-lhe gritar o meu tédio, fugira! fugira!

A ansia que me comprazendo, a que eu não quero a que eu amo!

Via hoje? Ainda não tenho a certeza. Sim... Sim... era ela, tuberculosa pelo braço dum que a comprara.

Mata-lhe por não crer beijala.

Faró, 28 - Outubro.

No meu Sonho, - as fezes sorriram de fome!

Faró, 15 - 2 - 1917.

Crepusculo de Saúde

Ao longe... muito ao longe... envolto em densas vagas de rosas perfumadas, minha corrida louca desliza lentamente no buxal da Esperança tendo por leme a Luta e por timoneiro a Ansia.

Medonho temporal!

Então! Mar de tulo. Todo rosas, todo arminho e perfume de violetas; radiante de triunfo em ondas de espuma, caminha para o Ideal!

Chuva de beijos, grinaldas de sorrisos, luar de prata, bosques de rendas...

A minha Alma... A minha Alma... Regões desconhecidas! Sonhar! Sonhar! Morrer Sonhando!

Impossível... Impossível... Ruínas ao despertar. Tudo Trevas... tudo trevas...

Omar em fogo clama Vingança! Vingança!... Ela, mensageira do meu consorte sonhar! Oh!... Vinga-me, vinga-me e mata-me depois...

Faró, 18 - 2 - 1917.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

NUM ALBUM

Mal sabes, nem eu posso descrever-te Esta minha fatal melancolia; Não me lembra de ver romper o dia; Nesta alma é sempre noite! Mas ao ver-te, Porque será que a mim se me converte A noite em luz e a mágua em alegria? Não serás tu o sol que me alumia?

JOÃO DE DEUS.

PROSA

CONTOS E NOVELAS

A CANTADEIRA

Maria Clara, a filha do sr. regedor, era a mais guapa das raparigas da aldeia.

Esbelta e donairoza, o seu busto ostentava curvas graciosas de amfóra etrusca e o seu olhar possuía effluvíos deslumbrantes.

A sua voz era harmoniosa e doce. Até parecia que Deus Nosso Senhor lhe tinha feito nascer uma ninhada de rouxinóis na garganta, tão lindamente cantava!

Muitas léguas em redor não se conhecia quem a desbancasse em desgarradas e desafios, quer na inventiva dos improvisos, quer no requêbro langoroso da voz, terna e branda como se tivesse maciezas de veludo.

Em volta dela zumbia um terno enxame de apaixonados e, por causa dos seus sorrisos, mais de uma vez arraias e romarias tinham acabado em, lutas onde sarilhavam páus e zuniam pedras.

Mas a Maria Clara mantinha-se sempre alheia áquelas pugnas e tão ajuzada era que, por muito tempo não mostrou preferença por qualquer dos mogos enfeitados pelos seus olhos sorridentes.

Entre a falange amorosa, destacava-se o Manuel Paulo, filho do melhor lavrador da aldeia e rapaz, tão desempenado e lésto, que era mesmo um gosto vê-lo em serões, esfolhadas ou espadeladas.

Manuel, tanto se habituara a ouvir a voz de ouro da moça que, nem uma só noite podia deixar de escuta-la e por isso não sossegava enquanto não a descobria seroando em qualquer casa amiga.

Mesmo sem ser convidado, ele lá aparecia, levando a tiracolo a sua viola toda enfeitada com fitinhas de seda e era sempre bem recebido.

Feliz improvisador, grangeara também fama de invencível aos descantes e isso dava-lhe uma certa aura, que Manuel Paulo aproveitava para bem merecer as atenções de Maria Clara.

Um dia, após um desafio em que a garganta da rapariga attingiu effeitos prodigiosos de maliciosa graça, conquistando-lhe fartos applausos e felicitações, Manuel Paulo accerrou-se da cachopate e perguntou-lhe se o queria para marido.

Maria Clara riu da proposta e disse-lhe que por enquanto não pensava em casar, todavia, compadecida pela tristeza do moço, terminou por assegurar-lhe que quando se resolvesse logo se lembraria dele, rapaz da sua criação e simpatia.

Exultou o moço, que viu nas palavras da rapariga uma promessa firme e considerou-se desde logo o prometido da mais linda flor da aldeia.

Maria Clara não pensou mais no caso e continuou a sua vida doidejante em arraias e romarias, honrando cada vez mais distintamente aquella alcinha de Cantadeira que o sr. Abade lhe havia posto, no fim de uma romaria, em que ela cantara mais e melhor do que todas as raparigas das aldeias proximas.

Voluê a Maria Clara? Atira-lhe tu, gentil leitora, tu que não és, nem nunca foste voluvel, a primeira pedra...

Realmente, Alfredo não exagerava. Maria Clara era um belo tipo de mulher, uma verdadeira Venus de Milo, que o acaso tivesse resuscitado naquelle rincão minhoto dando-lhe os braços mais bem modelados que meus olhos teem visto.

As feições eram finas e harmoniosas; a cutis cor de perola, tinha transparencias de jaspe, através das quais se adivinhava a circulação de um sangue rico. Dos olhos irradiavam esplendores maravilhosos e tão linda era a boca que não sei a que flor a compare!

No seu andar, em todos os seus gestos havia uma graciosidade alada, dominadora, perturbante!

Perante tamanha formosura compre-

les, á procura de trechos de paisagem que mais nos seduzissem.

Alfredo, o meu condiscipulo, que eu conhecera em Lisboa tão alegre, era agora um melancolico, quasi um triste.

Inquiri do seu estado espirital, presentindo-o vagamente assombrado por um vulto de mulher.

Aventurei-me a imagina-lo apaixonado por qualquer das meninas mais distintas da cidade ou cercanias, quasi todas ainda aparentadas com elle; em resposta, Alfredo, um dia, na vasta quadra cheia de luz em que estabelecera o seu atelier, mostrou-me uma grande teta.

Era o retrato de uma aldeia no traço garrido das lavradeiras minhotas. Atravessava uma devesa, sustentando graciosamente uma enfusa á cabeça, o que lhe dava apparencias de uma fina estatueta de Tanagra.

Mas isto é uma labrega! Disse eu, proposadamente, no intuito de ferir os brios aristocraticos de Alfredo.

E Maria Clara, a Cantadeira, respondeu-me, a moça mais gentil que tem o Minho, os mais belos olhos de Portugal; a graça viva, o encanto feito mulher.

E, na sua linguagem exaltada, o meu condiscipulo disse-me a sua paixão, cantando himnos de louvor á deusa que a inspirára; justificou o seu affecto e pretendu convencer-me de que para um artista só havia um titulo nobiliarquico digno de homenagem: a beleza.

Deliciei-me contestar as suas palavras com affirmativas ultra conservadoras, criticando o mais ferozmente possível o tipo da moça; mas contive-me logo que me compenetrei da inutilidade dos meus esforços e assim que compreendi que o meu amigo estava perdido de amores pela formosa Cantadeira.

Has de conhece-la! Has de ouvi-la cantar! Disse-me elle - Verás!

Dias depois, numa das nossas veligiaturas matinaes, ao longo do pinhal, encontramos Maria Clara.

A moça, quando nos viu, ia para afastar-se, mas Alfredo chamou-a e apresentando-me como seu intimo amigo, delicenciou quebrar-lhe o acanhamento.

Maria Clara veio, muito rosada, para junto de nós, a bem dizer só para nos dirigir um Deus ós salve! em que a sua voz de ouro floriu harmonia no ar tranquillo.

E foi-se, graciosa e lésta qual sifide, através das veigas e das bouças.

Realmente, Alfredo não exagerava. Maria Clara era um belo tipo de mulher, uma verdadeira Venus de Milo, que o acaso tivesse resuscitado naquelle rincão minhoto dando-lhe os braços mais bem modelados que meus olhos teem visto.

As feições eram finas e harmoniosas; a cutis cor de perola, tinha transparencias de jaspe, através das quais se adivinhava a circulação de um sangue rico. Dos olhos irradiavam esplendores maravilhosos e tão linda era a boca que não sei a que flor a compare!

No seu andar, em todos os seus gestos havia uma graciosidade alada, dominadora, perturbante!

Perante tamanha formosura compre-

qual seria o côro das virgeas, em que a tia Maria seria encorporada quando mores-se.

Do que tenho pena, dizia ella com lagrimas na voz arrastada e tremula, é de não poder ir para o côro de Santa Ursula, que é o primeiro em grandeza.

—Porquê?

—Porque para esse côro só vão as virgeas, que morrem meninas.

—E' exacto. Mas sossegue tia Maria; eu que sou lido nos sagrados canones, posso afirmar-lhe que lhe ha de ser dado logar num côro distinto, porque depois dele ha ainda dous.

—Sim?

—E' o que lhe digo: ha o côro das virgeas... do acaso, e o côro das virgeas... por força maior das circumstancias!

E rematado com este ou equivalente ditto o divertido colloquio, saia João Penha da tasca e dirigia-se para a Courega de Lisboa, por onde aquéllas horas desciam alegres e festivos bandos de artistas, cantando ao som de viola de arame, as petulantias e a um tempo gembundas trovas do Choradinho, e do Fado de Buarcos.

João Penha entrou em casa na Courega de Lisboa, levantava a vidraça das janelas do seu quarto, e antes de se deitar, espreitava a vista por todo aquelle panorama do Mondego, tão poetico, tão doce, tão pitoresco! As rãs coaxavam nas insuas dos rios, onde se espelhava o luar, os latidos dos cães das quintas marginaes repercutiam-se, de quebrada em quebrada, sonolentamente... e os rouxinóis cantavam, e os gemidos das violas emoreciam ao longe pouco a pouco... perdendo-se no dedalo das estreitas ruas da cidade baixa.

João Penha, depois de contemplar por algum tempo aquelle formosissimo quadro, indisciplinavel, deitara-se, e de ai a tres horas, com a regularidade infalivel que punha em todos os actos da sua vida, estava á meza do estudo, trabalhando como um benedictino e resgatando por aquella forma as horas, que dera prodigamente á indisciplinada boémia do seu viver nocturno.

João Penha foi o que os jovens egojados de hoje não são nem podem se-lo; foi moço, riu com o bom riso vermelho que tão bem assenta nos labios da juventude, teve um estomago gargatuano, teve saúde, teve jóia idade, teve lenha, foi o ultimo estudante de Coimbra.

Realizou o sonho, a visão, o azul, em plena vida burguesa e constitucional. Não dando ao mundo a importancia de se aborrecer nele, como lhe dizia Eça de Queiroz.

A lealdade, turbulenta e entusiasta a geração de Antero de Queil, de Azevedo, de Castelo Branco, e de José Falcão, succedera a uma geração doçula, de gengivas moles desbujadas, tímida, curvando a espinha na passagem da sua lente, engulindo a sebeta até ás fezes.

No meio destes estudantes enveredados, tristes, macabuzios, e sonnos, esturando de subtilidades escolasticas sabado, maravilhosamente as ribaldarias do sôuzo, o bello rigor contudente do siglismo, e não figurando como se concipe um argumento em um modo et figura, saturados, até á medulla de metafisica nebulosa e incomprensivel, o sobolito de João Penha destaca e se bresalja, mais, mais, como uma flor orvalhada e viçosa, numas rufinas, como a fanfarrina mal-duma dumna soutra, trampa de caça, na gruta dum anacoreta.

Mas João Penha, não levou a vida simplesmente a rir, a folgar, a patalgueisar, e a celebrar, e a louvar.

De son amido bom Ba-tasá

humidade claustral das tabernas ou sob a ramaria fresca e copada dos salgueirais do Mondego, ou sob o estufo de um velho sorriso.

Humanista, podendo ouvir de siro que Chapellani dizia do Maliezi; este rapaz sa-gado e educado e finissimo, o gosto que me-dera e harmonisa; uma leitura abundante e variada, uma intelligencia culta, progressiva e refletida, João Penha comportou-se e não pouco, para na direcção do moderado movimento poeticos.

O grito revolucionario, solto pelos celebres dissidentes de Coimbra, e produzura grande abalo; os animos estavam despreve-nidos, a sensação fora violenta de mais, dai resultou que os discipulos e os proselitos faltaram.

Continúa.

REMÉDIO FRANCEZ o mais antigo conhecido contra a PRISÃO DE VENTRE INVENTADO em 1808 VERDADEIROS Grãos de Saúde do Dr. Franck (VÉRITABLES GRAINS DE SANTÉ DU DR. FRANCK) Em todas as Pharmacias e Drogerias DEPOSITARIO: 3, DELICANT, 25, Rua dos Sapateiros, LISBOA

endi em toda a sua força a delirante paixão de Alfredo...

Dali a um mez era a romaria á Senhora da Graça.

Alfredo conseguiu arrastar-me até á ermida, que fica num alto que domina a povoação, espicaçando a minha curiosidade com a risonha expectativa de ouvir cantar a moça.

Quando lá chegámos, já todo o adro estava cheio de festeiros. Havia toques estridulos, pregões, vagos descantes, zanzanguear de guitarras e toda aquella esfuante alegria que caracteriza as romarias do norte, tão cheias de movimento e de cor.

A tarde, assim que o sol embrandecer, juntaram-se as raparigas da aldeia e Maria Clara, a rogo de varios, iniciou seus cantares.

Estou ainda a ouvi-la, a voz acariciando meigamente o ar tranquilo daquele sereno entardecer:

A viola quer que eu cante, A prima quer que eu padeça...

E depois, um requebro:

E o tocador que a toca quer que eu por elle endoideça...

O auditorio sorria, feliz. Quem tocava era o Manuel Paulo...

Alfredo sentiu um fogo de ciúmes queimar-lhe o peito e, rompendo, foi collocar-se junto do rapaz, excitado, doido...

E a rapariga, a sorrir, mostrando a immaculada feitura de perolas dos seus dentes pequeninos, continuava:

A viola é de pinho... As cordas são de salgueiro...

E com os olhos postos nos de Manuel:

O tocador que a toca E' de escacha pecegueiro...

Alfredo não conseguiu dominar-se por mais tempo; olhos a fuzilar cresceu para o Manuel e com um sóco bem certo fez-lhe voar em astilhas a sonora viola.

Houve uma confusão enorme!

Voses gritavam:—Olha o janota! Não que ele ha cada um! Meteu-se-lhe na cabeça arrastar a aza á Cantadeira e vem provocar-lhe o noivo!

Forá! Forá! Pinta-monos!

Manuel, quando deu pela imprevista agressão de Alfredo, fez-se palido como um defunto. Nos olhos daqueles dois homens ardeu subitamente o maior clarão de odio e decerto ambos compreenderam que um d'elles era demais neste mundo.

Entre o tumulto vi que o meu condiscipulo empunhava um pequeno revolver niquelado, antes, porém, que conseguisse desfechá-lo sobre o seu antagonista, este corrêra para elle e cravava-lhe, destramente, no coração, a sua navalha de cabo de osso!

Alfredo expirou num lago de sangue. Acudiram homens; regedor e os cabos de policia seguraram o assassino que não opôz resistencia. O arraial acabou triste, entre prantos das raparigas e os lamentos dos velhos sempre prontos a censurarem as loucuras da mocidade.

Maria Clara desmaiara. Seus olhos tomaram uma côr vitrea; cerrou a boca num esforço tetânico e a estrebuchar foi levada para a aldeia quasi nos braços de tres ou quatro das mais fortes raparigas.

Manuel Paulo, a quem a nobre familia do meu condiscipulo fez pagar caro o

delito de o ter assassinado em legitima defeza por amor da Cantadeira, foi condenado a pena maior no tribunal da comarca.

Alfredo tem uma linda sepultura no cemiterio de Maria Clara, a pobre Cantadeira, essa perdeu de todo a voz! Já não vai a romarias nem se lhe ouvem quais quer descantes. A's vezes solta gargalhadas que affigem quantos a escutam ou chora que affige querer desfazer-se em lagrimas.

E nunca mais a sua voz de ouro vibrou no ar tranqullo e perfumado.

LYSTER FRANCO.

O Heraldo, em Saboia

Foi nomeado agente do Banco Economia Portuguesa nesta localidade, o sr. Joaquim Alves da Silva, importante comerciante desta praça. Esta nomeação traz importantes vantagens para quem tenha de pagar letras, porque até agora, para o fazer tinha-se de percorrer 30 kilometros indo á sede do concelho. Louvamos o sr. Silva por consentir na sua nomeação para este cargo, cuja falta bastante se fazia sentir. A agencia não só serve esta localidade mas também Santa Clara-a-Velha, que dista daqui, apenas 3 kilometros.

Requisitado pelo regedor desta freguezia, encontra-se aqui, um destacamento da Guarda Nacional Republicana, vindo de Beja, afim de obstar, que os generos de primeira necessidade, saiam para fóra da freguezia, tais como o pão cozido, trigo etc.

Foi aqui rigorosamente cumprido o Edital do administrador do concelho, proibindo os divertimentos carnavalescos, não tendo apparecido uma noita mascara, nem mesmo nos estabelecimentos, que costumavam vender artigos carnavalescos.

Sepultou-se no cemiterio desta freguezia a sr.ª D. Tereza Maria, de 88 anos de idade, mãe estremosa, do sr. Alfredo Elias digno chefe, da estação do caminho de ferro de Odemira. Ao sr. Elias, apresentamos os nossos sinceros pesames.

MINISTRO DE FRANÇA

Visitou esta cidade no dia 25, tendo vindo de Vila Rial de Santo Antonio, o sr. ministro de França em Portugal.

Acompanhava-o sua esposa e o sr. Chantans. No mesmo dia retiraram para Portimão. Durante a visita a Faro acompanhou os illustres visitantes o sr. Antonio Ascensão, digno vice-consul da França nesta cidade.

NOTICIARIO

Acompanhada de um dos seus filhos encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Umbelina de Matos Parreira, de Tavira.

Acompanhado de sua familia, já se encontra na sua casa em Lisboa, onde tenciona passar a temporada do costume o nosso presado amigo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros, importante industrial.

Esteve em Faro na passada semana o sr. dr. Carlos Fuzeta.

Acompanhado de sua esposa vimos em Faro o sr. dr. José Frederico Cortes de Menezes, facultativo Municipal em Albufeira.

Conferenciaram ha dias com o dr. ministro da marinha, uma comissão de industriais de Silves, que foi apresentado pelo illustre deputado sr. dr. Adelino Furtado, acerca dos transportes maritimos para exportação dos seus produtos.

O sr. Gilberto de Brça e Aragão delegado procurador da Republica em Armamar foi transferido para Portimão.

Na semana passada afim de tomar posse do comando do regimento de infantaria n.º 21, aquartelado em Castelo Branco, partiu para aquella cidade, o coronel sr.

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero tailleur, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

REMEDIO FRANCÉS



Cochado Martins, que teve na gare uma afetuosa despedida.

O sr. dr. João Bentes Castelo Branco ofereceu ao ministerio da marinha o hospital das Caldas de Monchique para internamento de funcionarios, doentes, das colonias.

Vimos em Faro, acompanhado de sua esposa, o illustre poeta sr. dr. Candido Gherreiro, de Loulé.

Em substituição do coronel sr. Cochado Martins, foi nomeado vogal da comissão de censura preventiva do distrito de Faro o major de infantaria 33. sr. Joaquim Mendes Cabeçadas, nosso muito presado amigo.

Ao dr. Antonio Maria Fructuoso da Silva, juiz de direito em Albufeira, foram concedidos trinta dias de licença por motivo de doença.

A camara municipal de Monchique abriu concurso para provimento do lugar de carcereiro das cadeias da comarca, com o vencimento anual de 36\$00.

Vimos em Faro o sr. Francisco de Bivar Gomes da Costa, de Portimão.

Foi nomeado aspirante de finanças e colocado em Aljezur o sr. José Vizeto Guerreiro.

Foi prohibida a venda de quaisquer vapores que se empreguem na industria de pesca ou que estejam em condições aproveitaveis.

O tenente coronel de infantaria sr. Francisco da Luz Cesar Ribeiro, foi collocado como comandante do regimento de reserva n.º 4, em Faro.

Vai proceder-se á venda, em hasta publica, de um terreno sito na praia da Rocha de Portimão, sitio dos Castelos, requerida pelo sr. Joaquim Ribeiro de Carvalho.

A sr.ª D. Ermelinda Laura Sant'Ana foi exonerada do lugar de professora da escola movel de Carrega de Milfontes, concelho de Loulé.

Foi criada uma escola masculina em Odiaxere, Lagos.

A folha oficial publicou um decreto regulando a organização do cadastro do pessoal dos estabelecimentos de ensino dependentes da Repartição de Instrução Industrial e Commercial.

Penalidades

Artigo 53.º—Incorre nas penalidades de suspensão de direitos e garantias ou eliminação, todo o socio:

1.º—Que se recuse ao cumprimento destes estatutos;

2.º—Que pratique qualquer acto não justificado, de que resulte prejuizo para a sociedade;

3.º—Que dirija insultos a qualquer empregado ou membro dos corpos gerentes na sede da cooperativa;

4.º—Que defraude a sociedade, sendo entregue ao poder judicial, quando provado o delicto;

5.º—Que se atraze no pagamento dos seus debitos, contra o disposto no § unico do artigo 19.º

§ 1.º—Apenas de eliminação de socio será da competencia da assembleia geral, que se pronunciará, quando ouvida sobre este assunto.

§ 2.º—O socio eliminado não terá direito ao dividendo no primeiro balauço que houver.

Artigo 54.º—Os individuos que se atrazem no pagamento das suas prestações—debitos ou quotas—depois de avisados pela direcção, quando não satisfeito no prazo indicado no artigo 19.º n.º 3.º perdem o direito de socios, não podendo receber importância alguma com que tenham contribuido.

Novidades literarias

MEMORIA

do 1.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do Avelar—no 1.º centenario do seu falecimento 1816—1916

celebrado em Faro nos dias 8, 9, 10 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, relatorios das diferentes associações de instrução, Piedade e caridade estabelecidos no Algarve, e uma estatística de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida photographia de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1\$50 na Tipografia «União»—Rua Tenente Valadim—Faro—e nas Livrarias da cidade.

Carteira

Façam anos:

Hoje, Domingo, 4—D. Maria dos Santos Ponte, D. Lucia Augusta Rodrigues, João José Vinagre, Manuel Bento Valerio.

Segunda-feira, 5—D. Jesuina Falco Trindade, D. Olinia de Jesus Mascarenhas, D. Maria Amelia Angelina, Antonio de Sousa Carraça, José Viegas Ramos, e Francisco Xavier Pereira Junior.

Terça-feira, 6—D. Maria José Guerreiro da Silva, D. Aurora do Carmo Pontes, José de Alencide Coelho de Bivar, José Corrêa Neves, e a menina Maria Feliciano Juiz de Parreira.

Quarta-feira, 7—D. Maria Clara Pinto, D. Augusta dos Santos Nelp, José Maria Ferreira Pinto, dr. Carlos Fuzeta e Miguel Anacleto Parreira.

Quinta-feira, 8—D. Maria Carlota Chagas, D. Alice da Silva Parreira, dr. Justino Cunhado de Bivar Weinboitz, João Antonio Campos, Joaquim Antonio de Biva Xavier, José Gonçalves Bandeira.

Sexta-feira, 9—D. Laura de Vasconcelos Pontes, D. Hercúlia Viegas Anselmo, D. Elvira Viegas Pereira, dr. João Peres Ponce e Sanches e Alfredo Maldonado.

Sabado, 10—D. Euridico Caldeira de Araújo, D. Maria Vicenta de Brito, D. Clarisse Viegas Vas, Roque Gomes Faria, e Hercúlio Alberto Madeira.

Casamentos:

Em Tavira, consorciou-se o sr. Antonio Pedro Corrêa Limpo de Lucerda, sargento de infantaria 33, com a sr.ª D. Maria Celeste Soares Silva, filha da sr.ª D. Rosa Maria Soares Silva.

Doentes:

Ao sr.ª D. Isabel Costa, D. Palmira Ruivo, D. Maria Infante Alcarvo, D. Mariana Salter, D. Berta Lopes, e menina Maria José Leal Castelo Branco, e os sr. Constantino Camanho, Manuel Bogarim Corrêa Gusdes, Manuel Tavares Belo e José de Sousa Figueira.

Em sua casa, em Belem, encontra-se de cama com febres a sr.ª D. Maria Elza de Abreu Franco (Restelo), filha da sr.ª D. Virginia Elza de Abreu Franco (Restelo) e do sr. Pedro Augusto Franco (Restelo).

Neurologia:

Faleceram: em Olhão, o sr. José Feliciano Leonardo e em S. Braz de Alportel, o sr. Francisco Rodrigues de Passos.

Nas trincheiras

(Fortificação e combate) pelo capitão Mousinho de Albuquerque e tenente S. Casimiro. Preço 25 centavos. A' venda na Havaneza de Miguel Neves—Faro.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos, registados na Conservatoria do Registo Civil de Faro, desde 23 de Fevereiro a 2 de Março de 1917:

Table with 2 columns: Category (Nascimentos, Casamentos, Obitos) and Count (8, 0, 10).

Moto F. N.

4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Enxofre Americano a receber brevemente Vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Alviçaras

Dão-se a quem entregar nesta redacção um diamante, que se perdeu na Igreja da Sé, por ocasião da festa do passado domingo.

Senhora

Em casa particular recebe-se uma senhora para ser tratada como pessoa de familia.

Dirigir-se a esta redacção.

Batata

Muito boa para semente, vende-se qualquer quantidade a 900 reis a arroba.

Pedidos a Carlos Gonçalves.

Gastro Marim.

Estanho

Vende-se.

Garcia R.—R. do Ouro 274.

Lisboa.

Serras de Fita, Cravadeiras e Balancés

Para fabricas de conserva, compram-se usados:

Dirigir-se a José J. M. Adelino Pereira.

Loulé.

Trespassa-se ou aluga-se uma casa baixos e altos, na rua D. Francisco Gomes 24-26, quem pretender dirija-se a João Lopes do Rosario.

Cooperativa «Previdente»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada Sede em Faro

—Estatutos—

Artigo 45.º—As vendas dos generos serão feitas pelo menor preço possivel, lançando-se sobre cada um deles uma percentagem variavel para cobrir despesas da sociedade, avarias, condições ordenados dos empregados etc.

Artigo 46.º—Quando o fundo de reserva atingir o valor da quinta parte do capital realiado no fim do ano civil, as percentagens que lhe são destinadas pelo artigo 43.º poderão, em partes iguais, reverter a favor do dividendo proporcional ao consumo, se assim for deliberado pela assembleia geral.

—CAPITULO VIII—

—Fundos—

Artigo 47.º—O capital no minimo de 400,000 escudos divide-se em 4 especies a saber:

- 1.º—Capital social; 2.º—Fundo de reserva; 3.º—Fundo de exploração;

4.º—Fundo de pensões.

Artigo 48.º—O capital social no minimo de 100\$ escudos é constituído pelo capital subscrito e representado por acções nominativas de 2\$50 centavos cujos titulos serão entregues aos socios depois de liberados.

Artigo 49.º—O Fundo de reserva é constituído: 1.º Pela importância realizada com a venda dos estatutos e regulamento interno, conforme o disposto no artigo 8.º n.º 2; 2.º Por 30 por cento dos lucros liquidos até á quinta parte do capital social.

Artigo 50.º—O fundo de exploração é constituído:

1.º—Pelo capital social representado pelo valor das acções;

2.º—Por 50 por cento dos lucros liquidos realizados.

Artigo 51.º—O fundo de pensões é constituído:

2.º—Pela quota paga semanalmente pelo socio;

3.º—Pelo dividendo do capital e consumo que pertencer ao socio;

4.º—Por 4 por cento de juro calculado sobre os seus valores acumulados.

Artigo 52.º—Todas as operações relativas ao fundo de pensões serão escrituradas em livro especial com conta corrente de cada socio pensionista.

—CAPITULO IX—

pezas, e, caso o não faça, reverterá a favor dos fundos de reserva e pensões, em partes iguais.

—CAPITULO X—

—Assembleia geral—

Artigo 57.º—A assembleia geral é constituída pela reunião de todos os socios accionistas que tenham a sua acção liberada e satisfeito a importância dos estatutos e regulamento interno.

§ 1.º—A assembleia considera-se legalmente constituída quando presentes, pelo menos 25 socios, meia hora depois da marcação.

§ 2.º—Quando na primeira reunião não compareça numero sufficiente, a assembleia reunirá oito dias depois, com qualquer numero de socios. Quando houver de tratar-se da dissolução da sociedade, é indispensavel para ter efeito legal, a presença ou representação de tres quartas partes do numero de socios.

§ 3.º—Quando a reunião extraordinaria da assembleia geral seja convocada por motivo de requerimento de socios, é necessario que no numero dos presentes se encontre, pelo menos, metade dos que requereram a reunião.

Continúa.

